

Um texto sobre o tempo parece coisa de quem tem muito tempo à toa. Afinal de contas, todo mundo sabe do que se trata. A partir de certa idade, a grande maioria vive em função do tempo, olhando apressadamente ao relógio. Portanto, o que teria a ser dito que o próprio relógio não diz no dia a dia?

Todavia, apesar do tema aparentemente simples, somos capazes de salientar alguns pontos sobre o assunto. Podemos, por exemplo, dividi-lo em partes: passado, presente e futuro. O passado é o tempo que já passou; o presente é o tempo em que vivemos e; o futuro é o tempo que ainda virá. Tudo muito claro e óbvio.

Através da experiência pessoal, sabemos que o tempo não para, flui constantemente do passado, passa pelo presente e vai em direção ao futuro. Algumas vezes, dependendo da situação, parece demorar, outras passa rapidinho, apesar do relógio marcar as horas com sessenta minutos cada uma sem qualquer interferência externa.

Podemos, contudo, aprofundar ainda mais esta questão. O passado, como já passou, não existe mais; o futuro, como está por vir, ainda não existe. Portanto, segundo esta linha de raciocínio, precisamos nos ater apenas ao presente.

O presente é aquilo que vivenciamos, é pulsante, quase palpável. Resta, contudo, uma questão a ser respondida: Qual é a sua duração? Um ano, um dia, uma hora? É muito. Talvez um segundo? Um décimo de segundo? Um centésimo? Um milésimo de segundo?

Não importa o intervalo de tempo considerado, sempre haverá uma fração deste intervalo que possa corresponder ao tempo presente. Talvez seja possível afirmar que o presente seja a linha divisória, a fronteira entre o passado e o futuro. Esta definição poderia ser adequada se não fosse um ponto crucial: Se o passado não existe mais e o futuro ainda está por vir, o presente seria a linha divisória entre duas coisas que não existem. Portanto, chega-se a conclusão de que o presente também não existe.

Esta brilhante abordagem de análise do tempo foi realizada pelo filósofo, teólogo e bispo católico do século IV conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (354-430)<sup>1</sup>.

Mas afinal, o que é o tempo?

O mais interessante desta questão é que quando ninguém pergunta, tem-se a impressão de saber exatamente seu significado. Contudo, quando se quer explicar a alguém ou até mesmo a si próprio, a idéia foge da mente<sup>1</sup>.

Pensadores de todas as épocas meditaram sobre o significado e a essência do tempo sem chegarem a uma explicação adequada.

Apesar de ainda haver muito a dizer sobre o tempo, não existe informação disponível que seja suficiente para uma definição precisa. Os cientistas se referem ao tempo com afirmações do tipo “Do passado fixo ao presente tangível e ao futuro indeterminado, é como se o tempo fluísse inexoravelmente. Mas essa é apenas uma ilusão.”<sup>2</sup>; “Para sermos perfeitamente honestos, precisamos admitir que tanto cientistas como filósofos não sabem ao certo o que é o tempo, ou por que ele existe”<sup>2</sup>; “Assim, muitos físicos recorrem a uma ajuda pouco comum em tempos atuais: os filósofos.”<sup>3</sup>

Stephen Hawking, em seu livro *O Universo numa Casca de Noz*, analisando a Teoria da Relatividade elaborada por Albert Einstein, diz que “Isso (a Teoria da Relatividade) exigia o abandono da idéia de que existe uma quantidade universal

chamada tempo que todos os relógios mediriam. Ao contrário, cada um teria seu tempo pessoal...”<sup>4</sup>.

O que poderia significar e quais as conseqüências de um tempo pessoal para cada indivíduo?

Em primeiro lugar, a conotação habitual muda completamente de sentido. Com cada qual tendo um tempo diferente, um grupo de pessoas, não importando a quantidade, podendo até se composto de todos os habitantes do planeta, estariam em condições de uma experiência temporal em comum quando seus tempos pessoais forem iguais, mas não o mesmo, estando, desta forma, aptos a interagirem entre si.

Vale ressaltar que não se trata de fuso horário, pois pessoas dentro do mesmo fuso teriam tempos pessoais.

Esta idéia, apesar de parecer estranha, não estaria dissonante com o que é apresentado pelos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita, tanto que, em comentário na questão 240 de O Livro dos Espíritos<sup>5</sup>, Kardec diz que “Os Espíritos vivem fora do tempo como o compreendemos. A duração, para eles, deixa, por assim dizer, de existir.”

Portanto, percebe-se que existe diferença na percepção do tempo entre encarnados e desencarnados, o que exemplifica não haver uma medida absoluta do tempo para todos os espíritos em qualquer condição.

Em outras duas questões do O Livro dos Espíritos<sup>5</sup> fica mais evidenciada a relação do tempo com a condição do espírito. Com relação ao passado, na questão 242, consta que “quando com ele nos ocupamos, é presente”; com relação ao conhecimento do futuro, na questão 243, a resposta diz que “depende da elevação que tenham conquistado. Muitas vezes, apenas o entrevêm, porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o vêem, parece-lhes presente”, quanto mais elevado o espírito maior será o conhecimento do futuro.

No início do livro A Gênese<sup>6</sup>, na própria página do título, Kardec escreveu: “Para Deus, o passado e o futuro são o presente”, evidenciando uma interrelação entre as propaladas divisões do tempo que impossibilita a própria divisão.

Costumamos sempre analisar toda a informação sob uma ótica espaço-temporal, que são as referências que usamos para as questões do dia-a-dia. Contudo, algumas questões necessitam, para melhor entendimento, serem abordadas abstraindo-se do espaço e do tempo, tais como:

- a) Deus é atemporal e, como tal, não teve início e, portanto, não se pode perguntar o que havia antes D’ele, pois não há antes nem depois;
- b) Comumente, no meio espírita, nos referimos aos espíritos mais evoluídos como “irmãos mais velhos”. Contudo, ao inferir que Deus cria espíritos em tempos diferentes, estamos impondo uma temporalidade para Deus que não está subordinado ao tempo.

Fica evidenciado que muitas coisas ainda não estão claras, “com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente”<sup>7</sup>, afinal, “como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente?”<sup>8</sup>

## Bibliografia

- [1] Santo Agostinho; Confissões, livro XI, cap. 14 e 15.
- [2] Paul Davies; Esse Fluxo Misterioso, Scientific American Brasil, Outubro, 2002.
- [3] George Musser; Um Buraco no Coração da Física, Scientific American Brasil, Outubro, 2002.
- [4] Stephen Hawking; O Universo numa Casca de Noz, Editora Mandarim, 2001, pg. 9.
- [5] A. Kardec; “O Livro dos Espíritos”; 76<sup>a</sup> edição, FEB, [1857] 1995.
- [6] A. Kardec; “A Gênese”; 36<sup>a</sup> edição, FEB, [1868] 1995.
- [7] A. Kardec; “O Evangelho Segundo o Espiritismo”; 112<sup>a</sup> edição, FEB, [1866] 1996 - Introdução.
- [8] A. Kardec; “O Livro dos Espíritos”; 76<sup>a</sup> edição, FEB, [1857] 1995 - Questão 82.